

# A CONSTRUÇÃO DE UM INTELLECTUAL: ESTEVÃO DE OLIVEIRA E SUAS BIOGRAFIAS<sup>1</sup>

Carla Simone Chamon - CEFET/MG

Eixo temático 6 - Intelectuais, pensamento social e educação

I.

Esta comunicação procura analisar a trajetória de Estevão de Oliveira (1853-1926) – escritor, jornalista, professor e inspetor técnico de ensino em Minas Gerais em fins do século XIX e início do XX – buscando lançar luz sobre as representações socialmente construídas em torno dele. Como parte de um esforço investigativo maior, que busca compreender quem eram e como se constituíam os intelectuais brasileiros no início do século XX, bem como o lugar da educação em seus projetos de modernização para o país, o que se pretende aqui é demonstrar e compreender de que maneira, e por meio de quais estratégias discursivas, Estevão de Oliveira se fez e foi feito intelectual da república e da educação.

Para tanto, lançamos mão de uma série de pequenas biografias de Estevão, escritas em diferentes ocasiões e por diferentes sujeitos, jornalista e escritores, participantes de uma mesma rede de sociabilidades. Trataremos aqui, de maneira mais direta, com sete delas: a primeira, escrita por José Paixão e publicada em 1896 como prefácio do livro “Pela República”, de autoria de Estevão; a segunda, publicada em 1910 no jornal “O Pharol”, de Juiz de Fora, por ocasião de sua escolha para integrar a Academia Mineira de Letras; a terceira, escrita por Silvio Romero e publicada entre 7 e 21 de junho de 1912, no jornal “Correio de Minas” (Juiz de Fora); a quarta, de Heitor Guimarães, publicada em 1918 como prefácio do livro “Crônicas e Traduções”, de Estevão de Oliveira; a quinta e sexta, por ocasião de sua morte em agosto de 1926 – uma publicada no jornal “O Dia”, de Juiz de Fora, outra de autoria de Abílio Barreto e publicada em 1926 na Revista da Academia Mineira de Letras; e a última, também de autoria de Abílio Barreto, publicada na Revista da Academia Mineira, em 1953, em comemoração ao centenário de seu nascimento.

Escritas, de maneira geral, como forma de homenagear ou de fazer “o elogio da obra e vida” de Estevão de Oliveira (BARRETO, 1926, p. 257), esses relatos não são tomados aqui como sua descrição fiel, se é que é possível falar em descrição fiel em algum registro. Por isso, a noção de biografia que orienta e sustenta essa investigação a pressupõe

---

<sup>1</sup> Esse trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Processo de Escolarização e Culturas Escolares em Minas Gerais”, coordenado pelo prof. Luciano Mendes de Faria Filho e desenvolvido no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação da FaE/UFMG.

como uma prática cultural de construção do outro. De acordo com Bourdieu (1996, p.185) em sua discussão sobre a “ilusão biográfica”, o real é descontínuo, fragmentado e múltiplo, constituído por elementos que se mostram, muitas vezes, tanto aleatórios quanto justapostos. O que leva esse autor a concluir que uma vida, e a história que conta essa vida, não é essa totalidade e coerência que o relato dá a ilusão de ser.

O empreendimento biográfico seria, então, um esforço de juntar e costurar momentos de vida não só que estavam dispersos no tempo e no espaço, mas que nunca se constituíram como uma coisa só, que na experiência do indivíduo só têm como ponto de interseção um nome e, quando muito, a materialidade do corpo. Ao juntar determinados tempos e espaços constituintes da vida de um indivíduo, a operação biográfica seria uma operação que procura imprimir sentido a um emaranhado de acontecimentos sem propósito intrínseco. Nesse sentido, é somente na escrita biográfica que uma trajetória de vida surge como unidade e coerência.

Mecanismo social que autoriza a experiência do indivíduo como unidade e totalidade, construção do passado como coerência, as biografias devem ser encaradas também, e principalmente, como fruto de seu tempo de produção, de necessidades imediatas de um ponto determinado da trajetória de um indivíduo. A biografia se presta assim a fazer parte de um real que a demandou, constituindo esse real ao imprimir um sentido para a trajetória daqueles que ela toma como objeto. Nas palavras de Angela de Castro Gomes, para quem a multiplicidade e fragmentação do indivíduo não impedem o desejo e a possibilidade da construção de uma “unidade do eu”

é exatamente porque o "eu" do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo. (GOMES, 2004, p.13)

Nesse processo, a biografia – a escrita sobre o outro, assim como a autobiografia – a escrita sobre si – é um dos mecanismos sociais “que favorecem ou autorizam a experiência comum de vida como unidade e como totalidade” (BOURDIEU, 1996, p. 185). São esses relatos de vida que promovem uma interpretação do indivíduo, que devolvem ao social um sentido e um significado para a ação de seus sujeitos.

Tomando as biografias sob esse viés conceitual, o que se pretende aqui é mostrar como esses relatos colaboraram na construção de uma determinada imagem de Estevão de

Oliveira<sup>2</sup>. Como esses relatos, ao juntar e significar determinados acontecimentos da sua vida, imprimiram uma interpretação ao real, buscaram controlar um sentido e desenharam a figura de Estevão como um intelectual de seu tempo. Partindo, então, da análise comparativa das narrativas biográficas, procuro compreender como sua história de vida tomou coerência e unidade em cada momento em que foi escrita, mapeando a lógica que concatenou suas experiências, as recorrências e as ausências que constituíram os relatos, bem como os sentidos que elas tomaram na (re)construção de sua trajetória.

## II.

As narrativas biográficas aqui analisadas, escritas seja como prefácio de seus livros, seja como forma de trazer à memória a sua figura no momento de sua morte, respondem invariavelmente a uma pergunta: quem foi (ou quem é) Estevão de Oliveira? A construção da resposta obedece, quase sempre, ao mesmo itinerário: origem – social e geográfica; formação, atuação profissional e descrição das obras.

Com poucas variações, essas narrativas nos informam que Estevão nasceu em 28 de janeiro de 1853 na freguesia S. José do Turvo, município de Piraí, província do Rio de Janeiro. De origem modesta, Estevão era filho do professor Cesário José Cardoso de Oliveira e de Joaquina Maria de Oliveira. Ficou órfão de mãe aos 9 anos e de pai aos 12, tendo sido criado, depois disso, por seus avós maternos, com os quais se mudou para Cataguazes, Minas Gerais, trabalhando na lavoura com os escravos de seu avô. Casou-se em 1882 com Maria do Carmo e Oliveira, com quem teve seis filhos: Inimá de Oliveira, Lauro M. de Oliveira, Adélia de Oliveira, Guaraciaba de Oliveira, Julieta de Oliveira e Moema de Oliveira.

Sua formação escolar teria se dado tardiamente. Aos 21 anos, sabendo apenas ler e escrever, completou seu curso primário na escola particular do professor José Bento Rodrigues. Em 1877, com 24 anos, matriculou-se no Colégio Luiz do Lago, em Volta Grande, município de Além Paraíba, como aluno de preparatórios, onde estudou por dois anos, não logrando, entretanto, terminar o curso.

Profissionalmente, Estevão atuou como professor de ensino primário e secundário, inspetor de ensino, jornalista, literato e tradutor dos clássicos latinos. Iniciou na carreira de professor público de primeiras letras em 1879, na pequena localidade mineira de Empoçado, sendo depois transferido para Campo Limpo. Em 1899 foi nomeado pelo

---

<sup>2</sup> A escrita biográfica suscita muitas outras questões como a da internalização do olhar do outro pelo indivíduo biografado, as redes de sociabilidade que envolvem, no caso de Estevão, biógrafos e biografado, mas que, no espaço dessa comunicação, não serão desenvolvidas.

governo de Minas como inspetor extraordinário de ensino e encarregado de ir a São Paulo e Rio de Janeiro fazer estudos sobre a organização do ensino primário, de cuja viagem resultou um relatório publicado, em 1902, sob o título de *Reforma do Ensino Primário e Normal em Minas* e que orientou a reforma da instrução pública mineira, ocorrida em 1906 sob o governo de João Pinheiro. Depois disso, exerceu a função de inspetor técnico de ensino até 1909, cargo ao qual ele retornou alguns anos depois. Foi também professor de latim em colégios de Juiz de Fora.

Defensor da república, da abolição da escravatura e da educação, Estevão de Oliveira fundou os jornais “O Povo” (Cataguazes, 1885-1889), “O Popular” (Cataguazes, 1889- 1893), “Minas Livre” (Juiz de Fora, 1893) e “Correio de Minas” (Juiz de Fora, 1894-1914), além de ter colaborado em jornais cariocas e mineiros. Foi membro fundador da Academia Mineira de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Em meio a esses dados escolhidos para dizer sobre a vida de Estevão, seus biógrafos pontuam e ressaltam, como veremos, uma série de atributos, tomados por eles como marcas de sua personalidade, numa operação que visava forjar uma identidade. E é essa identidade, forjada e fixada na narrativa biográfica, que nos permite perceber a prática cultural de construção de Estevão de Oliveira como intelectual.

Entendendo, pois, que os intelectuais não formam uma categoria homogênea e a-histórica, nosso objeto de estudo não é o intelectual enquanto tal, visto que esse não existe, mas o indivíduo que se constitui e é constituído por seu meio social como intelectual e que “age no mundo graças a essa insígnia” (BENDA, 1999, p. 70). Ou seja, tomado como jornalista e/ou escritor – o termo intelectual aparece substantivado uma única vez nessas narrativas<sup>3</sup> – os biógrafos de Estevão lhe emprestam atributos para falar de seu papel como intelectual na sociedade.

Para balizar e interpretar esses atributos empregados para descrevê-lo, vou me apoiar em Julien Benda e seu *La trahison des clercs*<sup>4</sup>. Esse autor, que foi alvo não só de adesões mas de críticas<sup>5</sup>, escreveu nos anos de 1920 e tinha como objetivo denunciar a traição dos intelectuais que comprometiam seus princípios ao se colocar à serviço das

---

<sup>3</sup> “Através de crônicas, artigos e cartas que escreveu (...) mostrou a fibra do lutador e o brilho do intelectual” (BARRETO, 1953, p. 157, 158).

<sup>4</sup> Utilizo aqui a tradução do Capítulo III do *Les trahison des clercs*, realizada por Cristina Prado e publicada em *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*, organizado por Elide Bastos e Walquíria Rego e publicado em 1999.

<sup>5</sup> Sobre essa questão ver Helena Bomeny, 2001.

paixões políticas. Para Benda (1999), os intelectuais devem ser caracterizados como “aqueles que falam ao mundo no modo transcendente”, como portadores e pregadores de uma verdade e uma moral universal, que não se dobram ao particularismos, que não se deixam levar por vantagens concretas ou valores práticos e para os quais o verdadeiro não é determinado pelo útil, nem o justo pelas circunstâncias. Homens que desempenham um papel público, os intelectuais, para Benda, não são simplesmente profissionais que cuidam dos interesses de uma classe. Antes, se caracterizam por um pensamento independente e pela afirmação da liberdade, sendo movidos por idéias e causas que escolhem apoiar, “porque são coerentes com os valores e princípios” nos quais acreditam (SAID, 2005, p. 91).

Obra clássica e, em certo sentido, inaugural, no que se refere às análises sobre os intelectuais, ela é tomada aqui como suporte e como modo de aproximação dos relatos de vida de Estevão de Oliveira, uma vez que os atributos empregados nessas narrativas biográficas convergem, em alguma medida, para aqueles que Benda aponta como sendo (ou devendo ser) portados pelos intelectuais. Como fez Edward Said (2005), em *Representações do Intelectual*, tomo as posições de Benda não como forma de explicar Estevão de Oliveira, mas como ponto de partida para as análises aqui desenvolvidas através de suas biografias.

### III.

Dos atributos que emergem das biografias para fazer de Estevão um intelectual, o primeiro deles é o que ressalta sua inteligência, erudição e familiaridade com livros e papéis, sendo considerado como homem de “cérebro privilegiado”, “saber e erudição” (GUIMARÃES, 1918, p. VI, IX) ou como homem de “considerável lastro e cultura intelectual”, que soube derramar o “brilho de sua inteligência privilegiada” através de suas obras e seus escritos jornalísticos (BARRETO, A. 1953, p. 151). Admirado por sua inteligência e lucidez, não era apenas o fato de ter “cérebro para pensar por muitos”, como dizia um de seus biógrafos (PAIXÃO, 1896, p. 6), o que o distinguia em meio a outros homens de cultura. No seu caso, a proclamada inteligência andava de mãos dadas com a militância a favor da causa republicana, abolicionista e educacional. Ou seja, Estevão não era tido apenas como um homem de idéias, mas também de ideais:

Toda a sua vida foi um apostolado cívico, para o qual convergiram todos os esforços dele, não só no jornalismo, onde sua personalidade assume por vezes relevo gigantesco, como no professorado e no funcionalismo (...)

A biografia da vida pública e do pensamento de Estevão de Oliveira é a história deste jornal [Correio de Minas], é o relato de sua interferência em todos os grandes problemas que interessaram [a]o Estado nos últimos trinta anos. (...)

Toda a sua vida é iluminada pelo esplendor do ideal, pelo qual se orientou na imprensa como na vida particular. (CORREIO DE MINAS, *apud* BARRETO, 1926, p. 263)

Apresentando Estevão como um dos homens mais notáveis de Minas e do Brasil, Abílio Barreto ressaltava nele o “poder das idéias”, a “lógica férrea de argumentação”, a “coerência inabalável com os seus princípios”, o “furor e correção da linguagem” e a “impetuosidade e impavidez das suas atitudes”. Esses atributos, constantes em suas obras e escritos jornalísticos revelavam, segundo Abílio Barreto, “a fibra do lutador e o brilho do intelectual” (BARRETO, 1953, p. 157):

Uma vez apaixonado por uma nobre causa, a ela se entregava ardorosamente de corpo e alma, pró ou contra os dominadores do dia, conforme lhe ditava a consciência de jornalista e de político rebelde: diante de si não via pessoas, mas idéias a combater e, por isso mesmo, respeitando mais seus ideais do que relações pessoais, rompia muitas vezes com os companheiros de ontem (Idem, 1926, p. 265).

“(...) dizia todas as verdades, arrostando nobre e desassombradamente com as consequências de suas franquezas” (Idem, 1953, p. 153)

Obrigado a abandonar o cargo de professor em fins do império por haver se declarado contrário ao regime monarquista (Idem, p. 149), Estevão é aqui tomado como um homem capaz de correr o risco de dizer as verdades, para quem “nenhum poder é demasiado grande e imponente para ser criticado e questionado de forma incisiva” (SAID, 2005, p. 23). Impossível não ver aqui o eco da palavras de Julien Benda, que apreciava a crítica antes da solidariedade, apontando como função primordial do intelectual a de “dizer aos leigos verdades que lhes desagradem e ter de pagar com a própria tranquilidade” (BENDA, 1999, p. 95).

Com uma trajetória comparada a um apostolado cívico, vigilante sobre os princípios que regem as ações no campo político, Estevão foi também apresentado por Silvio Romero como um missionário portador de verdades, cujo objetivo era o de regenerar a sociedade e o sistema político que julgava deturpado. Segundo Romero, Estevão sabia muito bem como revelar “o acre sabor de verdade”; em seus escritos se desencarnava a “realidade

sobre toda a nossa vida política”, de tal maneira que os “sequiosos do verdadeiro” encontravam ali uma “esmola de luz” (ROMERO, 1912, 8 de junho de 1912).

Essas verdades anunciadas por Estevão, por meio de sua pena jornalística, eram consideradas por seus biógrafos como verdades desinteressadas, cujo objetivo não era outro senão a promoção do bem e a defesa da liberdade e da República: “Estevão de Oliveira, por sua prosápia, por suas inclinações, gemina-se a todos esses espíritos eleitos para as grandes agitações em prol do bem comum” (PAIXÃO, 1896, p. 6).

Essa atitude exigia dele um certo grau de autonomia e independência, atributos que, mais uma vez, seus biógrafos não se furtaram a nos relatar, como fez Paixão, aos nos confidenciar que a sua liberdade de espírito e de pensamento, não se sujeitava nem mesmo “à doce escravidão do verso” (Idem, p. 8). Abílio Barreto não fez diferente ao falar dele como homem “coerente, irredutível nos seus princípios, sem a maleabilidade que o mister político exige”, acrescentando que ele não se deixava levar por vantagens concretas ou valores práticos: “não transigiu e por isso viveu pobre e morreu pobre” (CORREIO DE MINAS, *apud* BARRETO, 1926, p. 264).

Exemplos dessa autonomia são recorrentes nas suas biografias, constando nesses relatos a sua iniciativa em exonerar-se do cargo de inspetor técnico de ensino, quando da campanha civilista “para agir livremente como jornalista pelo Correio de Minas” (O DIA, 12 de agosto de 1926). Ou quando, por ocasião da tentativa de golpe por parte de Deodoro da Fonseca, em 1891, ele teria sido um dos poucos que não só se opôs publicamente à violação da Constituição, mas arriscou-se ao fazer publicar de maneira clandestina o manifesto de senadores e deputados contrários às medidas do então presidente da república que tinha por objetivo implantar um regime autoritário no país (O PHAROL, 13 de maio de 1910; PAIXÃO, 1896, p. 9; ROMERO, 8 de junho de 1912).

Percebe-se mais uma vez como uma das principais bandeiras defendidas pelos intelectuais – a liberdade, segundo Julien Benda (1999) – se faz presente nessas narrativas biográficas. Ao apresentar Estevão como “um homem que sonhava com homens e coisas superiores à realidade dos momentos atormentados”, seus biógrafos nos possibilitam pensá-lo como um intelectual para quem a verdade não é determinada pela sua utilidade e nem a justiça pelas circunstâncias, sendo movido não por lucros ou recompensas, mas pelo “desejo irreprimível de horizontes mais amplos” (SAID, 2005, p. 80).

Esse espírito livre e essa independência de pensador, tão decantado por seus biógrafos se constrói nas narrativas como uma justificativa para seu temperamento forte, ardoroso e por vezes agressivo (O DIA, 12 de agosto de 1926; GUIMARÃES, 1918, p. VI). É

importante ressaltar aqui que Estevão era, de maneira recorrente, apontado como polemista – algumas vezes como “polemista de pulso de ferro” – atributo constante nas suas biografias, desde a primeira delas, escrita por José Paixão, em 1896, onde se lê que Estevão era um “talento gumeado para a polêmica, para o ataque na defesa da nossa liberdade, da nossa república” (PAIXÃO, 1896, p. 10). Se aqui o gosto pela polêmica é positivado, se traduzindo em ataque a favor das liberdades, é Silvio Romero quem nos explica melhor o significado desse adjetivo utilizado para descrever Estevão:

Vim encontrar em Juiz de Fora um singular tipo de escritor: Estevão de Oliveira.

É um jornalista; mas um tal que escreve por si só todo o seu diário, pondo-lhe na primeira coluna infalivelmente um alentado artigo de polêmica política.

E quando falo em polêmica, mui longe estou do sentido pejorativo que lhe dão madraços criticandeiros gosmentos que pululam por este país afora.

(...) a polêmica que tenho em mente é a grande luta das idéias, das doutrinas, dos sistemas, das teorias, feita com alma e paixão, como só a podem praticar os espíritos retos, inteiriços, abalados por nobres aspirações e alevantados incentivos.

“Polemos” – chamavam os gregos à “guerra”; a palavra ficou em as modernas línguas para significar exclusivamente a luta, a discussão intelectual, coisa nobre entre as mais nobres. (ROMERO, 7 de junho de 1912)

É perceptível aqui o significado e as excusas dadas ao seu temperamento ardoroso: como crítico da sociedade, a ele era permitido esses excessos – que chegavam por vezes a ser caracterizados como rudes – no embate das idéias e na defesa dos ideais, “coisa nobre entre as mais nobres”, como disse Silvio Romero.

Como polemista, ao lado do pensamento independente da clareza da verdade, Estevão também é constituído na escrita biográfica como aquele capaz de apontar as chagas da sociedade. Em dedicatória escrita em livro com o qual presenteou Estevão, Feliciano Pena, senador da república, assim se pronunciava sobre ele, em 1910:

A Estevão de Oliveira, que sabe tão nobremente aplicar o ferro em brasa às úlceras desta sociedade corrompida, ofereço, como digna homenagem, os *Anais*, de Tácito, seu predecessor, cuja pena flamejante foi igualmente consagrada à obra saneadora de cauterização de torpezas e misérias sociais. (*Apud*, BARRETO, 1926, p. 273).

Obra saneadora e regeneradora, Estevão é construído assim como um missionário: “sua missão nunca é de efeitos imediatos”, mas sua “ação benéfica” seria experimentada

no futuro. O que faz dele não só um produtor de interpretações sobre a realidade social, detentor de um pensamento crítico capaz de produzir diagnósticos, mas também alguém capaz de prognosticar, de apontar trilhas para serem seguidas no futuro, o que se percebe em seu compromisso com a educação. Definido como “atrevidamente republicano” por José Paixão (1896, p. 8), a educação ocupava espaço privilegiado na sua agenda de “coisas nobres”, sendo Estevão de Oliveira tomado em suas biografias como homem da educação, devotado à instrução:

Fora dessa especialidade [crônica política], apenas um assunto lhe interessava e no que era igualmente versado – a instrução, devido ter exercido o magistério e vários cargos que condiziam com a instrução pública (CORREIO DE MINAS, 27 de agosto de 1926).

O professorado mineiro teve sempre no pugnaz jornalista um defensor dedicado. Não só defensor, senão também mentor capacíssimo e seguro” (CORREIO DE MINAS, *apud* BARRETO, 1926, p. 264).

Além do destaque à sua atuação não só como professor e inspetor de ensino, as narrativas biográficas ressaltam também o lugar que Estevão ocupava como proponente de políticas e reformas para a educação mineira, sendo sempre mencionado o seu relatório sobre a instrução, publicado em 1902, fruto de uma viagem comissionada pelo governo mineiro ao Rio de Janeiro e São Paulo:

Quando do governo do dr. Silviano Brandão, escreveu minucioso e brilhantíssimo “Relatório”, que foi presente ao Dr. Delfim Moreira, então secretário do interior, sendo sobre esse trabalho decalcada a reforma do ensino público em Minas. (O DIA, Juiz de Fora, 12 de agosto de 1926)

Procurando explicar o passado, fixar uma identidade presente e orientar as leituras do futuro, as biografias aqui trabalhadas mapeiam modos de ser de Estevão de Oliveira e o retratam como um intelectual de seu tempo: homem de ideais, independente, educador social e polemista, que empregava a sua pena a serviço da pureza da república e da democracia, da liberdade e da educação, servindo à causa pública de maneira desinteressada e intransigente.

Carregando nas tintas com as quais desenharam e forjaram uma imagem e uma memória, o que nos interessou aqui foi menos as “verdades” proclamadas nesse relato do que sua intenção. O que nos interessou aqui foi uma representação de intelectual.

Variações na lógica narrativa, omissões ou acréscimos de dados, o cuidado na escolha dos adjetivos com os quais definiam a figura de Estevão, ou seja, a escolha do quê e de como contar sobre sua trajetória nos revelaram estratégias de construção de uma imagem. Nos revelaram também como o seu compromisso com um ideal de república e o compromisso com a educação se entrelaçaram e o constituíram socialmente como intelectual, que soube intervir “em todos os grandes problemas que interessaram ao Estado” (CORREIO DE MINAS, *apud* BARRETO, 1926, p. 263).

Educador, escritor e proprietário de jornal, Estevão de Oliveira ocupou, assim, a cena pública em Minas Gerais no final do século XIX e início do XX para defender, entre outras coisas um projeto de educação. Educação que era tomada por ele, e por outros intelectuais do período, como um projeto político ou, ainda, parte de um projeto político mais amplo que era o republicano. E é nessa relação entre política e escrita, entre república e educação, que nos é possível pensar a imagem que se constrói do intelectual de então.

#### Referências

- BARRETO, Abílio, Centenário de Estevão de Oliveira. In: *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, vol. XIX, 1953, pp. 148-161.
- BARRETO, Abílio, Estevão de Oliveira. In: *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, vol. IV, 1926, pp. 257-280.
- BENDA, Julien. A traição dos intelectuais. In: BASTOS, E. R. e RÊGO, W. D. L. (orgs.) *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. S.P.: Ed. Olho d'Água, 1999, pp. 65-121. Tradução de Cristina Prado.
- BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e políticas. In: BOMENY (org.) *Constelação Capanema: intelectuais e política*. R.J.: FGV, 2001, pp. 11-35.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (org.). *Usos e abusos da história oral*. R.J.: Fund. Getúlio Vargas, 1996, pp. 183-191.
- CORREIO DE MINAS, Juiz de Fora, agosto de 1926.
- GOMES, Angela de C. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C. (org.) *Escrita de si, escrita da história*. RJ: fund. Getúlio Vargas, 2004, pp. 7-24.
- GUIMARÃES, Heitor. Proêmio. In: OLIVEIRA, E. *Crônicas e traduções*. Tipografia Brasiliense: Juiz de Fora, 1918, pp. V-X.
- O DIA, Juiz de Fora, 12 agosto de 1926.
- O PHAROL, Juiz de Fora, 13 de maio de 1910.
- PAIXÃO, José. Estevão de Oliviera – perfil biográfico. In: OLIVEIRA, Estevão de. *Pela República*. Juiz de Fora [s.n.], 1896, pp. 5-10.
- ROMERO, Silvio. Correio de Minas, Juiz de Fora, 7 a 21 de junho de 1912.
- SAID, Edward W. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.